

FRANCO JÚNIOR, Hilário.
A Dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura.
São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 433p.

Francisco Xavier dos Santos*

É o futebol uma imitação da vida? É o futebol um fenômeno cultural total? Através do futebol podemos melhor compreender o mundo? Sobre essas e outras questões, o historiador Hilário Franco Júnior vai discorrer em sua alentada e instigante obra.

De início, porém; assalta-nos uma curiosidade: o que motivaria um historiador a escrever sobre futebol? Olhando seu *Lattes*, sabemos que, “Historiador, fez bacharelado na USP (1976), doutorado na mesma universidade (1982) e pós-doutorado com Jacques Le Goff na École des Hautes Études en Sciences Sociales (1993). Especialista em Idade Média ocidental, seus interesses estão voltados particularmente para a cultura, a sensibilidade coletiva e a mitologia daquele período, bem como para as reflexões teóricas que fundamentam tais pesquisas. Dedica-se também à História Social do Futebol.” Afinidades eletivas à parte, encontramos em suas palavras, pelo menos com relação à obra em apreciação, a razão de seu interesse: “A idéia deste livro surgiu há muitos anos de uma constatação simples e nem por isso menos surpreendente: no Brasil, o futebol é bastante jogado e insuficientemente pensado” (p.11). É então, em torno dessa chave hermenêutica, que podemos compreender a ambição do autor e o esforço de sua produção.

A Dança dos Deuses, centrado no tema futebolístico, estabelece uma espécie de correlação entre o futebol – observando e apontando semelhanças reais – com aspectos importantes da vida do homem não apenas brasileiro, mas do homem universal. A obra é composta de uma introdução e uma conclusão; entre ambas, duas partes fundamentais: uma essencialmente histórica (*Futebol, micro-história do mundo contemporâneo*) e outra de caráter temático-analítico (*Futebol, metáfora do mundo contemporâneo*). De

* Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

maneira que, “[...] não custa ressaltar, as duas partes devem ser consideradas na sua profunda articulação, da qual decorre a proposta essencial deste livro: o futebol como fenômeno cultural total” (p. 13).

Em *Futebol, micro-história do mundo contemporâneo*, o autor mostra como o futebol não pode ser dissociado da história geral das civilizações. Exemplo eloquente encontra-se na lógica da sua propagação e rejeição, a partir da Inglaterra, tendo sido bem-aceito nos países que sofriam forte influência cultural inglesa, mas nunca devidamente incorporado em países que constituíram o império, como Austrália e Canadá. É fato que a própria evolução das regras e das táticas do esporte respondeu às necessidades específicas do jogo, mas também só podem ser entendidas em contextos de adaptação do futebol às mudanças no mundo. Também é contextualizado, entre outras coisas, o surgimento do esporte com o seu berço, a Inglaterra da revolução industrial, e explicadas as características do esporte herdeiras da lógica capitalista-industrial de trabalho em grupo. Segundo o autor, a própria evolução das regras e das táticas do esporte respondeu, é fato, a necessidades específicas do jogo, mas também só podem ser entendidas em contextos de adaptação do futebol às mudanças no mundo. Explica também como o futebol serviu de bode expiatório para inúmeros joguetes políticos dado a sua força popular (o famoso “ópio do povo”); isso indiscriminadamente entre os fascistas, entre os liberais, os comunistas, as ditaduras latino-americanas (sobretudo Brasil e Argentina).

Em síntese, podem ser destacadas da análise do autor, nesta parte da obra, duas conclusões, que se imbricam. A primeira remete ao fato de que, sendo o futebol um dos maiores fenômenos da sociedade contemporânea, através do seu estudo, o mundo contemporâneo pode ser compreendido de uma maneira mais lúcida. A segunda é a de que o futebol é um dos espelhos da sociedade.

Na segunda parte – *Futebol, metáfora do mundo contemporâneo* –, o autor vai demonstrar como o futebol reflete aspectos sociológico, antropológico, religioso, psicológico e lingüístico “numa relação de semelhança subtendida entre o sentido próprio e o figurado¹”. Nessa parte do livro, uma riqueza de reflexões é articulada. Relacionando o futebol com os diversos aspectos mencionados, o leitor fica ciente de argumentos que

¹ Dicionário Aurélio, verbete *metáfora*.

expõem os diferentes usos políticos do futebol, seja por regimes autoritários ou democráticos, tanto uns quanto outros sempre abraçados ao nacionalismo. Também descobre os sentidos ocultos em toda a ritualização do mundo esportivo, nos nomes dos times, nas cores das camisas, nos escudos, e ainda recorre a Freud para examinar a fascinação que o esporte exerce. E mais: Hilário Franco Júnior explica o caráter violento inerente ao jogo (segundo ele, não só ao jogo, mas às manifestações religiosas e ritualísticas de um modo geral), de como o futebol é, sim, uma espécie de religião laica, e como ele pode ser também uma língua com morfologia, semântica, sintaxe e retórica próprias. Afinal, “se o futebol pode ser metáfora de várias instâncias do viver humano, [...] é graças ao fato de ele ser uma linguagem.”

Se, como suspeita o autor, pouco pensamos sobre o futebol, com *A Dança dos Deuses* a nossa reflexão se aguça e esclarece. Porém, fica a indagação: a liberdade presente no futebol não é em si o que lhe possibilita dançar em tantos universos?

É obra que merece ser lida mesmo porque pensa o futebol.